

ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração:
PRAÇA DAS FLORES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLES
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA
Secretário de Redacção: ARTUR PEDRO GIL

ANO I - N.º 2

Lisboa, 10 de Abril de 1941

PREÇO \$40

Editorial

O claro riso dos heróis

Tem a Mocidade uma força superior, invencível, quasi omnipotente: a gargalhada. Ao mesmo tempo comentário crítico e afirmação de princípios, o riso é manifestação salutar de consciência tranqüila: perante certas infamiasinhas, em face de certas traições ou de certos cambalachos, a gargalhada é o argumento poderoso que tudo limpa e tudo arraza...

¿Indiferença pela dôr, egoísmo diante da tragédia, inconsciência em presença das grandes preocupações? Não. Esses risos imbecis, curtos, alvares — não são risos de Mocidade... O nosso é o riso aberto, franco, leal — defesa de um espírito forte, couraça de uma alma não pervertida.

Queremos viver alegremente a vida. Queremos arrancar definitivamente a nossa Mocidade daquela «apagada e vil tristeza» que a ia matando... Queremos rir, mas com o claro riso dos heróis!

Humberto da Cruz

escreve o introito a uma crónica aeronáutica:

Para mim é sempre agradável falar de Aviação.

Compreendo perfeitamente o seu extraordinário valor, tanto nos serviços da Paz como nas acções da Guerra, e era meu desejo — e por isso muito tenho falado e escrito acerca das suas possibilidades — que todos a compreendessem como ela merece.

Todos os jovens, pelo menos!

Em qualquer dos seus aspectos — e tantos êles são — os efeitos têm tamanho e por isso, em todo o mundo, a simpatia pela sua prática vai alastrando, convencendo os desconfiados, vencendo os medrosos e desfazendo os... «complexos de inferioridade».

A caminhada é difícil se o ambiente não é favorável. Não bastam vontades fortes de a servir; é preciso que ela exista para que muitos lhe possam dedicar o fervor da sua mocidade.

É claro que eu não me refiro a uma Aviação cuja existência se aproxima

dum balcão de negócio; refiro-me a uma Aviação que preste à mocidade, duma forma útil, as possibilidades de formação dum núcleo soberbo de pilotos, bem orientados e dirigidos na sua aprendizagem, para que a Nação possa confiar neles, nos serviços que lhe poderão prestar e, nunca, somente para arranjo dum grupo que possa alardear uma «carta» de aviador sem qualquer valimento aceitável.

Não me chamem «derrotista»:

Eu só compreendo realidades que se mostrem e não aceito pseudo-realidades criadas à laia de reclame que ilude mas não serve.

Hoje em dia a Aviação não é um desporto muito fácil, tão fácil como o pretendem apresentar. Carece de prática, muita prática superiormente dirigida por homens competentes, que saibam do seu ofício.

Tirar a «carta» de piloto é um princípio que impõe continuidade de exercício para que se possam seleccionar os indivíduos e isto só é possível numa atmosfera de pura honestidade.

Desde que o ambiente criado se preste à formação de pilotos incapazes de conduzir um avião quando fôr necessário, o doirado sonho de preparar uma Aviação desportiva — base de outras modalidades — não passa duma quimera de conseqüências ridículas.

Há entre a gente moça da nossa terra elementos de sobra para se organizar um núcleo valoroso de pilotos. Eles merecem que cuidem deles, que os tratem com atenção fora de todos os erros e despreocupações que molestem o seu nome e o seu anseio de dedicação pela «arte de voar».

É uma questão de orgânica e limpeza. De orgânica, para que a formação de pilotos seja inteligente e útilmente feita; de limpeza, para que sejam eliminados quaisquer empecilhos de vária espécie que entorpeçam ou deformem as intenções dos que querem ser aviadores e de quantos, por os julgarem necessários, lhes pretendem prestar o seu precioso auxílio.

NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM



Fotografia publicada na «Ilustração Portuguesa», de 29 de Outubro de 1921, com a seguinte legenda:
«Um grupo de civis. Ao centro o conhecido revolucionário civil Ferraz.»

HUMBERTO DA CRUZ

ar livre

A marcha para o campo

Geralmente, o acampamento é fora, mas relativamente perto da cidade.

Uns escassos quilómetros, umas árvores e um regato ou uma fonte — e chega-se ao local escolhido para acampar.

Essa marcha é, muitas vezes, a primeira desilusão para os neófitos; a grande exaltação e o grande entusiasmo da organização do acampamento vão-se desfazendo ou pelo menos atenuando bastante com o suor, com a poeira, com o aparecimento de ampôlas nos pés e dores nos músculos.

Mas todos estes inconvenientes podem ser afastados se a marcha for cuidada.

A cadência do passo, largo e forte, mas relativamente lento, sempre igual, não cansa e pela sua automatização permite-nos longas caminhadas sem grande cansaço.

A escolha da hora do dia a que se deve fazer a marcha, procurando fugir aos grandes calores, sem ser feita em jejum e nunca após uma grande refeição, é já uma grande ajuda para essa mesma marcha.

E outro elemento importante, mas pouco cuidado, é a imposição da carga.

Para um campista até 16 anos, o seu saco e os seus cobertores são já carga suficiente, com um mínimo de 4 quilos (até 13 anos) e um máximo de 6 (dos 15 aos 16).

É sempre aos mais velhos que compete o transporte do material colectivo.

E julgo que fixámos as mais importantes regras para a marcha, que são, recapitulando:

- 1.º Marchar sempre com a mesma cadência;
- 2.º Fugir aos maiores calores do dia;
- 3.º Não marchar em jejum nem com o estômago repleto;
- 4.º Não transportar cargas que, por excessivas, vão roubar forças para a marcha.

Cantar, durante a marcha diurna pela estrada, é sempre um estimulante, e tem a vantagem de evitar desordenadas conversas mais ou menos tumultuosas. Mas é preciso compreender que cantar nem sempre é possível nem útil. É dar sinal de si e pode incomodar os outros.

GIL

CORREIO de preguntadores

— Apanhei um dos meus condiscípulos em falta contra a disciplina. Devo denunciá-lo? — Manuel Ribatejano, Santarém.

— «Denunciar» é sempre, em qualquer dos casos, um verbo feio, pouco saudável. Um verbo burguês, um verbo reaccionário. Um desses verbos que não se conjugam senão em voz baixa, um desses verbos que é vergonha conjugar...

Se a falta, porém, é grave, se é irremediável, se prejudica todos os outros teus condiscípulos, e não apenas a ti, achamos que, apesar de tudo, deves «denunciar» o prevaricador, mas às claras, dando a todos os teus camaradas e em especial ao interessado conhecimento prévio do que vais fazer.

Agora se a falta é ligeira, se tem remédio ou se apenas te prejudica a ti, achamos que deves chamar o prevaricador, que deves reprimê-lo, que deves demonstrar-lhe que ele procedeu mal — mas não o «denuncies». E se julgas que a coisa não vai só com admoestações, então, Manuel Ribatejano, honra as bravas tradições da tua terra, resolve a questão a murro...

Depois, pela vida fora, lembra-te sempre disto: a boa camaradagem vale tanto como a boa disciplina. E a propósito, ouve esta que aconteceu aí no Ribatejo, no tempo das invasões francesas:

Eram quatro guerrilheiros: um fidalgo e três criados seus. O fidalgo levava uma carta de um general para outro. Perseguidos pelos franceses, o fidalgo caiu, varado de balas. Então os criados, que se entendiam admiravelmente entre si, tiraram cópias da carta — e cada um tomou por seu caminho, com sua cópia. Dois foram também mortos pelos franceses. Mas o terceiro chegou ao seu destino.

Imagina, porém, que os criados se não entendiam, que se punham a discutir sobre qual havia de levar a carta...

Morto o chefe — a camaradagem substituiu automaticamente a disciplina. Ou melhor: caído o chefe, a própria virtude da camaradagem recriou como que uma disciplina.

“Via Latina”

Órgão da Associação Académica de Coimbra, o quinzenário «Via Latina» publicou o primeiro número.

Alguns colaboradores: Tomás Kim, Leonel de Melo Furtado, Diniz Jacinto, Teles de Abreu, Raul Mário, Paiva Brandão, Joaquim Namorado, Fernandes Martins, Raul Castro, este com uma boa página de romance, e um professor — Pacheco de Amorim.

Dirige o jornal — que saudamos com entusiasmo — Renato Cantista; é seu redactor principal Ramiro Valadão; formam o seu corpo redactorial Dario Martins de Almeida, Fernando Fontinha, Fernando Namora, Francisco da Costa Marques, João José Cochofel e João Ramiro da Fonseca; — e são da «Via Latina» estas palavras que transcrevemos com aplauso:

«Há uma verdade que nem sempre todos os mestres e alunos têm presente: que a Universidade é algo mais que uma escola de doutores; é ou deve ser uma escola de homens. E este elementar conceito pedagógico, uma vez esquecido, cria vícios de educação, de honestidade e aprumo moral, que dificilmente podem, mais tarde, ser removíveis.»

“Estandarte” e a grande imprensa

A propósito das notícias que em Lisboa e Porto se publicaram sobre o aparecimento do «Estandarte», queremos destacar as palavras particularmente amigas do «Diário da Manhã», da «Voz» e das «Novidades» — assim como o silêncio do «Século»...

AR comprimido

«CAFÈLITE»

«Que pena me faz saber aos Domingos os cafés cheios de jovens, discutindo os mistérios e problemas de baixa política...»

SALAZAR

País pobre, Portugal tem — valhados Deus — algumas riquezas. E o clima não é das menos apreciáveis. Pois, infelizmente, poucos são os rapazes de agora que tiram partido eficaz e inteligente das condições climáticas de que — quasi sem darmos por isso — gosamos.

Sabemos que nas Universidades os horários estão mal feitos, que os tempos para o estudo se acham limitados e que, salvo raras excepções, não há uma hora livre para se tratar da saúde do corpo.

Evidentemente que os estudantes dos cursos superiores — cujas Faculdades ou Escolas só por milagre possuem instalações desportivas — vêem-se e desejam-se para praticar a cultura física.

Nós não consideramos isso, todavia, como a causa única do crescente aparecimento de autênticos rebanhos de meninos com chapéu de aba larga, colarinho até às orelhas e sapatos de ferragens barulhentas, que enxameiam pelo Chiado e com uma tenacidade digna da nossa admiração persistem em agüentar as paredes das casas dessa concorrida artéria que, se não caíram com o ciclone, já não será fácil que vão abaixo...

Ora esses meninos, que se copiam mutuamente, se fôssem levados para os campos, para os acampamentos, para uma vida que os tirasse do rotineirismo a que estão habituados, sentiriam a comêço uma impressão desagradável — mas depois agradeceriam se reconheceriam. Porque andar sem colarinhos estilo suplicio árabe, sem «ferraduras», sem longas cabeleiras que as abas monumentais não conseguem esconder e sem casacos que não sabemos se classificar assim, se como sobretudos — é muito melhor. Já se lembraram?

Saiam do «ar comprimido» do seu mesquinho ambiente, deixem-se de discutir problemas de baixa política pelos cafés, façam por acabar com a instituição nacional dos homens-colunas que, a pé firme, chova ou faça sol, guarnecem as paredes das ruas mais concorridas — e sejam práticos, higiénicos, sádios.

ENDIREITA

Edições Juventude

Dentro de pouco começarão a surgir a público os trabalhos de uma nova editorial, dirigida por um grupo de universitários e colaborada pelos melhores valores das gerações modernas.

Estas «Edições Juventude», que se destinam à mocidade culta do país, versarão os mais variados problemas e manter-se-ão abertas a tudo quanto represente estudo sério e bem intencionado.

Desejando-lhes larga prosperidade, o «Estandarte» afirma-lhes a sua simpatia e camaradagem.

As aventuras do Português,

O XEQUE DE SANGAGE

O SOBRINHO DO XEQUE

Angoche fôra finalmente conquistada pelas tropas portuguesas e, naquele recanto de Moçambique, a escravatura acabara de vez.

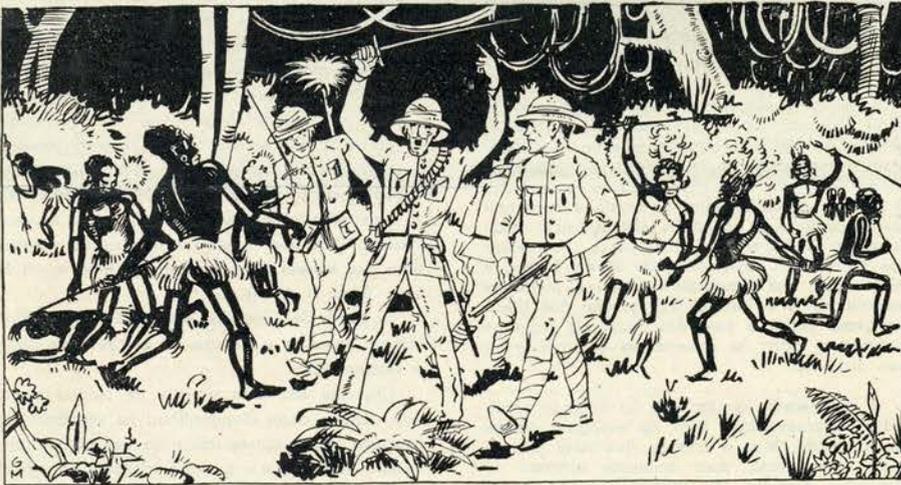
Acabara... não. Protegido das suspeitas pela atitude de pretensa lealdade que manifestara quando do nosso combate aos negreiros, o Xeque de Sangage julgava que tudo lhe era permitido e servia-se da influência que mantinha junto das nossas autoridades para se fazer valer aos olhos dos restantes indígenas, que espoliava miseravelmente. Pelas florestas sombrias o velho monhé fazia passar, às escondidas, os negros que roubava no interior para vender aos do litoral. O sobrinho capitaneava essas caravanas sinistras e assim o Xeque ia enriquecendo tranquilamente, ao mesmo tempo que industriava o rapaz nos negócios de família...

A verdade vem sempre ao de cima, como o azeite, e não há crime que fique sem castigo. O português velava e jurava acabar de vez com o tráfico odioso de carne humana: certa madrugada, quando o sol clareava já no horizonte e a floresta acordava a pouco e pouco, uma patrulha das nossas tropas, vendo um grupo suspeito que se esgueirava, encoberto com a espessa vegetação, atacou-o e prendeu-o. Em meio dos pobres diabos que conduzia para a escravatura encontrava-se o sobrinho do Xeque.

Tinhamos agarrado o primeiro elo de uma cadeia que ia dar que fazer.

A VINGANÇA DO MONHÉ

Acabou de romper o dia. O sol vai já alto e na sombra fresca da palhota, o negro espera os escravos que devem chegar. É já tarde, mas o chefe da caravana é de confiança. Não há mais do que esperar. E o Xeque espera ainda; uma, duas, três horas; até que recebe a notícia fatal — prenderam-lhe o sobrinho e a sua vileza foi descoberta. Está perdido.



Começa então de ruminar a sua vingança. O português ousou atacá-lo no seu covil? O português teve a suprema ousadia de querer impedir as suas traficâncias escandalosas? Pois há-de saber quanto isso lhe custa... Sempre, até então, se mostrara amigo dos portugueses e conseguira ocultar os seus verdadeiros sentimentos. Pois agora ia deixar cair a máscara, mostrar de que trações era capaz.

E enquanto fugia de Sangage para se reunir em Liupo aos régulos sobre quem conseguira — à nossa sombra — ter um certo ascendente, o velho sacripanta continuava a remoer os seus projectos de vingança.

Começam então os actos de rebelião. Aproveitando-se de que uma companhia indígena partira nessa ocasião para Macacu e o Governador do Distrito se via assim privado quasi de tropas regulares, o Xeque desenvolve os seus ataques. Primeiro são os povos amigos de Portugal que sofrem pela lealdade que sempre manifestaram e continuam a manter: roubos, incêndios, mortes; palhotas destruídas, crianças massacradas, tôdas as crueldades e tôdas as violências... Os êxitos, obtidos contra os seus irmãos de raça, fracos e desprevenidos, animam-no a prosseguir e tenta o assalto a postos militares.

A sua ambição e a sua perversidade vão perdê-lo.

O CASTIGO

O Xeque medira cuidadosamente os perigos a que se expunha; sabia de quantos homens podia dispôr o português, quantas espingardas tinha, por que caminhos se defenderia. Não contara, porém, com a alma, com o espírito de sacrifício, com a tenacidade do seu adversário.

Os capitães-mores de Macuana, Angoche e Mossuril recebem ordem para julgar a sublevação e, para isso, juntam as suas pequenas forças, contratam cipais e negros irregulares, desenvolvem prodígios de actividade, até que conseguem organizar três pequenas colunas dispostas a tudo para vencer.

Vai começar a caça ao último negreiro. Encharcados em suor, negros de pólvora, soberbos de coragem, os portugueses avançam pela floresta e os combates renhidos, as emboscadas, os lances de força e de astúcia sucedem-se vertiginosamente. O Xeque de Sangage vai pagar caro a sua rebeldia. Implacáveis, como encarnação do próprio destino, os três capitães-mores cruzam a floresta, raziando as povoações revoltadas e prendendo um a um os régulos rebeldes.

O Xeque vem a acabar miseravelmente, batido em todos os terrenos, com as suas forças completamente dizimadas.

Estávamos em 1912. Podia-se agora dizer que acabara de vez a escravatura.

Ilustração do vanguardista GUY MANUEL

EDUARDO FREITAS DA COSTA

O próximo episódio intitula-se: « MORTE A DERIBATE! »



A guerra das estrêlas

Certo milénio, as estrêlas — para quem os séculos são os meses dos nossos anos — de tão habituadas a verem os homens em constante bulha, resolveram fazer uma guerra. E foi assim que o céu, canteiro azul de flores de ouro, se transformou, de súbito, em campo de batalha.

As estrêlas correram pelo espaço vertiginosamente, umas contra as outras. Deram-se cenas de heroísmo e de desespero. Houve estrêlas de terceira grandeza que resistiram gloriosamente ao choque de numerosas estrêlas de maior brilho e poder. E houve outras que se apagaram para sempre, como bandeira que fôsse arreada.

Do encontro furioso dos adversários resultava que muitas das estrêlas se fragmentavam. E então os estilhaços, pequenos mundos incandescentes, cruzavam também o firmamento, em riscos de vários tons, como se se tratasse de um grande e admirável fogo de artifício ou se, na ardósia quasi negra do céu, algum menino desenhasse curvas caprichosas com o seu giz de côres.

Aconteceu, é claro, o inevitável: o céu começou a esburacar-se e a perder a sua serenidade de setim. E as estrêlas, se queriam continuar a ver a Terra, tinham agora de encavalitar imensos óculos no seu nariz luminoso.

Quando a destruição era quasi completa, ergueu-se na amplidão uma voz estranha, em que havia a força do sol e a brandura do luar.

E estas palavras de justiça reboaram, de mundo em mundo:

— Aquietai-vos, estrêlas! De futuro, como castigo, tremereis constantemente, à lembrança dos sofrimentos desta hora. E muitas de vós correreis, de quando em quando, pelo céu, como loucas. E não vos esqueçais de que a vossa verdadeira missão no universo é dar beleza ao céu.

A paz voltou ao firmamento. Mas, desde então, as estrêlas não pararam de cintilar. E é rara a noite em que não vemos passar uma estrêla cadente, como lágrima de luz dos mundos arrependidos.

Por que não hão-de os homens lembrar-se também de que o seu mais alto destino é dar beleza à terra?

ADOLFO SIMÕES **

Humberto da Cruz

Humberto da Cruz—que principia hoje a colaborar no «Estandarte»—é para Portugal o mesmo que foi Ruiz de Alda para Espanha: uma legenda de heroísmo inscrita nos céus—e uma desassomburada voz a proclamar duras e patrióticas verdades.

Regozija-nos a colaboração que o aviador e jornalista Humberto da Cruz nos traz—mas não temos que agradecer-lha com as palavras habituais de elogio e consagração, pois o lugar do jornalista é entre nós como o lugar do aviador é à nossa frente: asas rasgando nas núvens sulcos azuis de audácia e glória.

Josefina Baker — Fora!

Não somos racistas. Com o concurso do índio, do negro e do mestiço, fizemos o Brasil; com o auxílio do negro e do mestiço, desbravámos, pacificámos, colonizámos as províncias portuguesas de África; ás mulheres indígenas de Gôa Atonso de Albuquerque casou os seus melhores soldados—e de certo governador colonial do século passado conta-se até que eram seus filhos todos os cipaios côr de café com leite que em suas campanhas o acompanhavam.

Mas trazer o selvagem ao nosso convívio—para o civilizar e nobilitar nas tarefas rudes e gloriosas do Império—não é o mesmo que deixar vir o selvagem ao nosso encontro, para nos catrealizar;—e por isso protestamos contra os empresários que trouxeram a negra Josefina Baker, indecorosamente, a um dos nossos palcos.

Com a guerra, Paris evasou-se de tudo quanto era escória étnica, lódo social—catanga snob. Mas não é uma razão para que Lisboa acolha e ature tudo quanto em Paris cheirava a pôdre...

Vil sujeição

Assim terminava uma crónica de António Bôto, publicada pelo «Diário de Lisboa»:

«Nisto, ali perto, num quartel, um clarim pôs-se a cantar a hora de recolher. Todos nós somos soldados; todos nós fazemos parte de qualquer vil sujeição. Despedi-me: fui para casa.»

Com que então—ó Bôto—vil sujeição a do soldado!?

Uma fantochada

Da mesma crónica de António Bôto:

«Junheiro tinha razão: a vida é uma fantochada.»

E o poeta de Alfama também tem razão: a vida é na verdade uma fantochada. Mas para os fantoches. Para os homens, porém, a vida é uma coisa séria, uma coisa digna de ser vivida.

Jôgo divertido... Aposta infalível!

Quere fazer uma aposta com a certeza de ganhar? Afirme que ninguém é capaz de dar uma volta ao velho Rossio, pelos passeios, sem pisar um escarro.

Quem se puser a isto, terá de andar em bicos de pés, dos saltos, aos pulos; fará prodígios de equilíbrio, porá à prova o seu golpe de vista e a rapidez da decisão. Quando chegar ao meio estará tonto, levará atrás de si uma multidão hilariante... e, finalmente, perderá a aposta.

Como compensação poderá concluir: os portugueses não devem ser considerados pessoas educadas enquanto escarrarem no chão. O escarro é uma coisa vergonhosa que é preciso eliminar definitivamente. À gente nova incumbe dar esta falta de educação... e inventar tempo para objecto das suas apostas.

CHAIMITE

Naquele tempo, a Província de Moçambique era assolada pelas hordas dos vátuas, herdeiros das qualidades e da crueldade dos zulus e dos matabeles. Aos vátuas outros povos negros se juntaram, formando um verdadeiro exército de mais de 50.000 homens. Agrupavam-se em formações regulares—*mangas*—cada uma delas com seu nome: «búfalos», «jacarés», «pássaros brancos», «os valentes», «os que não voltam as costas»... O comando único do astucioso régulo Gungunhana, a disciplina de combate, o arrojô e a impetuosidade destes guerreiros, aliados ao monstruoso aspecto que ofereciam, com seus trajes de penas e de peles, faziam deles adversários terríveis, tanto mais num meio que lhes era favorável.

Em Junho de 1895 desembarcou em Lourenço Marques um esquadrão de cavalaria, comandado por um capitão com fama de atrevido, que ia disposto a liquidar o assunto. Sobre dados fornecidos por Caldas Xavier, fizera um plano de operações. Iria realizá-lo.

Incorporado na coluna que operava ao Norte da Província, passados meses tomava parte no combate de Coolela, onde escapou providencialmente. O cavalo que montava—caíra varado por um tiro.

Parques infantis

Seguindo o exemplo de Lisboa, a cidade do Pôrto começou já a dispensar seu auxílio à criação de Parques infantis, destinados, sobretudo, a tirar as crianças da rua e a ministrarlhes princípios de salutar educação em comum. O assunto é fundamental no vasto e importantíssimo capítulo da educação infantil, sendo absolutamente indispensável multiplicar o número dos Parques já existentes, não só em Lisboa e Pôrto, como nas principais cidades. A pavorosa mortalidade e a terrível má criação dos filhos da gente pobre é pesadêlo constante para os higienistas, para os educadores e para o futuro da Raça.

A assistência escolar está já obtendo resultados surpreendentes com as medidas postas em execução. Mas a criança das ruas precisa doutro tratamento, dum ambiente diverso, de diferentes métodos de ensino e educação e, sobretudo, de receitas, de donativos, de muitos auxílios para, em cada bairro, se construir, pelo menos, um Parque e um Balneário. Nesse campo, é que bem se precisavam retumbantes campanhas de imprensa, que mobilizassem os melhores esforços e as mais generosas dedicações para tarefa de tão profundo sentido nacional. Tirar as crianças dos perigos e da sujeira das ruas, limpá-las, lavar-lhes o corpo e a alma, ensiná-las a conviver e educar-lhes as maneiras e a linguagem—que plano excelente para inspirar tôdas as manhãs as tubas sonoras dum grande jornal! Que assunto formosíssimo para sôbre êle ostentar galas de estilo, primores de engenho e rasgos de inexcédível piedade cristã e profundamente humana.

(Da revista «Occidente» — Abril, 1941)

ESTANDARTE

Sci a 10 e 25 de cada mês

ASSINATURAS

Trimestral	2\$40
Semestral	4\$50
Anual	9\$00

Os assuntos de redacção e administração tratam-se das 10 às 12 horas e das 18 às 20 horas na Praça das Flores n.º 49

COMPOSTO E IMPRESSO NAS

Officinas Gráficas da Casa Portuguesa
Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

Propriedade da O. N. M. P.

Um mês mais tarde, era nomeado Governador das terras de Gaza. Chegara a hora de realizar o que reputava indispensável para pacificação do território: haver às mãos o Gungunhana. Os sensatos, os prudentes, tomá-lo-iam por louco. Que importava isso? Os mundos não foram feitos nem descobertos pelos velhos do Restelo, que ficam a carpir na praia; mas pelos outros, pelos que embarcam nas naus e partem para a aventura.

Era preciso apanhar o Gungunhana... No dia de Natal, à tarde, o capitão manda embarcar em Sanguene, numa canhoneira que subiria o rio, os escassos soldados brancos de que dispunha. Na madrugada seguinte, marcha por terra, com um oficial e um soldado brancos e 283 auxiliares e carregadores negros. À tarde, junta-se aos soldados que seguiram na canhoneira, e descansa um pouco. Às 3 horas da madrugada, apesar-da chuva, da escuridão, e da rede de espionagem lançada pelo régulo, ordena o desembarque e a marcha.

Eram só 47 os soldados brancos, porque 2 já haviam ficado doentes a bordo. Seguiam-se os auxiliares e carregadores. Enquadravam a tropa branca algumas guerras negras.

De tempos a tempos, surgiam enviados do Gungunhana oferecendo presentes e pedindo que não avançassem mais, que o régulo apareceria no dia seguinte.

Mas o avanço prosseguia... Uma soalheira abrazadora alternava com chuvadas copiosas. Oficiais e soldados, todos a pé, acompanhavam os pretos a uma velocidade de 10 a 12 minutos por quilómetro, tão depressa encharcados pela chuva, como alagados em suor. Os carregadores só à pranchada se conservavam juntos à coluna. Faziam altos que a febre e a sede não permitiam que fôsem para descanso, e logo se atiravam para a frente.

Já perto de Chaimite, dois soldados brancos caíram exaustos e tiveram de ser levados para a rectaguarda.

Chaimite era uma espécie de cidade santa dos vátuas, onde Gungunhana se recolhera, a procurar sôbre a sepultura de seu avô Manicusse o feitiço que o tornaria invisível aos olhos dos brancos. Rodeava a povoação uma paliçada com uma só entrada, de cêrca de 40 centímetros de largura.

O capitão foi o primeiro a entrar. Avançou resolutamente, a espada na mão, a cabeça levantada, uma tal segurança, uma tal força de domínio, um tal milagre depois da marcha esgotante, que as sentinelas negras largaram as espingardas e fugiram.

A meio do terreiro, o capitão chamou, com a sua voz imperiosa:

—Gungunhana! Gungunhana!

O régulo saiu da palhota com ar arrogante e respondeu desdenhosamente às primeiras perguntas feitas, confiado por certo nos 3.000 soldados negros que ali o acompanhavam.

O capitão mandou a dois soldados negros que amarrassem as mãos do chefe vátua, e obrigou-o à força a sentar-se no chão. Esta humilhação levantou grande alarido de espanto e de aplauso da parte das tropas negras. O Gungunhana estava perdido.

Fuzilados ali mesmo dois conselheiros do régulo, inimigos encarniçados dos portugueses, regressaram os soldados brancos com os prisioneiros feitos—além do Gungunhana, dois parentes, um companheiro, dez mulheres e alguns carregadores. A 6 de Janeiro de 1896, o capitão Mousinho de Albuquerque entregava-os em Lourenço Marques.